

## 6 Conclusão

A censura é a mãe da metáfora.  
Jorge Luis Borges

Ao iniciar este estudo, pretendíamos expor questões que nos fariam pensar a respeito da importância de um romance, *O Delfim*, de José Cardoso Pires, não só como obra literária, mas, política, escrita em uma época de censura ferrenha, imposta por uma ditadura que parecia perpétua.

O intelectual e escritor português, José Cardoso Pires, conta, em seu livro, uma história, através de duas tramas imbricadas: um romance policial e uma narrativa política. Nosso objetivo foi analisá-las separadamente e tentar perceber seus graus de interdependência e mútua complementação.

Achamos necessário fazer uma avaliação, seguindo os parâmetros teóricos de W. H. Auden e Todorov sobre as narrativas policiais, com o objetivo de aferir quais desses “sintomas” estão presentes em *O Delfim*. Percebemos, assim, que Cardoso Pires subverte os dogmas clássicos, ajudando a revitalizar um gênero desacreditado e considerado, por alguns críticos, como “baixa literatura”. O romance policial, uma das facetas desse livro múltiplo que é *O Delfim*, é escrito de maneira a satisfazer os amantes dos mistérios de enigma e os leitores acostumados à sagacidade e inteligência do escritor português, criando, desse modo, uma nova forma de pensar esse gênero.

A trama “elíptica”, que (a)parece submersa no mar de mistério que é a trama policial, é a história política da Gafeira, metonímia de um Portugal, também às voltas com a ditadura. Em uma época de castração do direito de expressão, Cardoso Pires descreve uma aldeia que consegue libertar-se da fria mão da opressão e comemora, com enguias, sua liberdade fumegante. Buscamos correlacionar essas duas “ditaduras”, através do estudo das (indignas) condições de vida da população e de como os discursos de uma dessas “realidades” se encaixa nos da outra.

As duas tramas são costuradas de modo que uma complete lacunas da outra e, com isso, para um maior entendimento de ambas, o leitor deve estar

atento, como em uma narrativa policial, ao que pode ser desvendado politicamente. Ser detetive das suas próprias condições de (sub) existência, investigar como sua liberdade foi assassinada e procurar perceber quem é esse assassino, que continua à solta. Matando e discursando.

A hipertextualidade constitui o método utilizado pelo escritor para montar seu *patchwork*, pois, através desses saltos de um ponto a outro da narrativa, o livro cumpre seu papel político e, mais ainda, revoluciona o romance português contemporâneo, servindo como referencial de projeto sócio-literário, através do assim chamado por nós sistema *O Delfim*.

Esse sistema, que permite que as tramas convivam em harmonia e em movimento constante de cooperação, parece ter apenas um objetivo: fazer pensar.

Cardoso Pires assume o papel de intelectual que tenta ajudar nessa investigação, sem nunca guiá-la. Ele apenas quer mostrar caminhos. Seu “trabalho” primordial como escritor, especialmente com *O Delfim*, parece ser o de encenar uma realidade possível, para que o espectador/leitor possa perceber que a própria realidade pode ser diferente. No romance, as vozes do Estado, da Igreja, da massa popular, dos que são contra ou a favor desses esquemas arbitrários, todas têm seu lugar, todas têm destaque. O escritor português não quer ser o pai da revolução, mas quer que todos possam ter meios de compreender se devem ou não ir contra o sistema vigente. Ele se desvincula da antiga imagem de intelectual, tocado por Deus, para olhar e descrever os problemas da população de seu país na posição de igual, pois sabe que seu olhar deve ser horizontal, nunca lançado de cima para baixo. Ele tem a real convicção de que, na luta contra a ditadura, também faz parte do povo, pois está longe do poder. Desse poder que impõe censura a sua arte e que se mantém pela força e violência.

O romance de José Cardoso Pires deve ser lido, recriado, visto como possibilidade real de liberdade para (e por) qualquer povo envolto no manto da ditadura. A comunidade retratada no livro é virtual, ou seja, tem potencial para poder vir a existir. A potência torna possível, o poder bloqueia. A potência é libertária, libertadora, o poder submete, castra. A potência produz energia, o poder se vale desta. Na segunda metade do século XX, não se concebe mais, pesando-se os prós e os contras, que o

comando de uma comunidade, por uma figura de autoridade, eleita ou não, bloqueie de alguma forma esforços intelectuais inerentes e possibilitadores do surgimento de uma “inteligência coletiva” que configuraria um exercício legítimo de poder popular.

Poder popular que gera liberdade.

Difícil, mas possível.